

OLIVIE BLAKE

O
COMPLEXO
DE
ATLAS

TRADUÇÃO
PEDRO BRANCO

 Planeta

Para o Garrett, a minha inspiração.
Sem ti, nada disto seria possível.

ÍNDICE

INÍCIO

I. EXISTENCIALISMO

II. HEDONISMO

III. ESTOICISMO

IV. NIILISMO

V. RACIONALISMO

VI. DETERMINISMO

VII. RELATIVISMO

VIII. NATURALISMO

IX. VIDA

FIM

OS SEIS

CAINE, TRISTAN

Tristan Caine é o filho de Adrian Caine, cabecilha de uma organização criminosa mágica. Tristan ficaria sentido por ser apresentado por referência ao pai, mas Tristan fica sentido com quase tudo. Nascido em Londres e educado na Escola de Magia de Londres, Tristan é um antigo investidor de risco da Corporação Wessex, bem como o antigo noivo de Eden Wessex, com quem está de relações cortadas. Formado na escola da ilusão, a verdadeira especialidade de Tristan é desconhecida, embora os seus talentos incluam ver através das ilusões (ver também: *teoria quântica; tempo; ilusões: ver através das ilusões; componentes: componente mágicas*). Nos termos da eliminação da Sociedade de Alexandria, Tristan foi incumbido de matar Callum Nova. Por razões ostensivamente relacionadas com a sua consciência, Tristan não foi bem-sucedido. Resta saber se esta decisão voltará para o assombrar.

FERRER DE VARONA, NICOLÁS (pode ser designado por DE VARONA, NICOLÁS ou DE VARONA, NICO).

Nicolás Ferrer de Varona, habitualmente chamado Nico, nasceu em Havana, Cuba, e foi enviado com tenra idade para os Estados Unidos pelos seus pais abastados, onde viria a formar-se na prestigiada Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque. Nico é um físico particularmente dotado e possui muitas capacidades além da sua especialidade (ver também: *tendências litosféricas; sismologia: tectónica; mutação: de humano para animal;*

alquimia; correntes de ar: alquímicas). Nico é amigo íntimo de Gideon Drake e Maximilian Wolfe, também estudantes na NYUMA e, não obstante a rivalidade de longa data, tem uma aliança com Elizabeth «Libby» Rhodes. Nico é extremamente competente no combate corpo a corpo e sabe-se que morreu pelo menos uma vez (ver também: *Arquivos de Alexandria: investigação*). O seu corpo, embora não seja totalmente invulnerável, está habituado às elevadas exigências da sua sobrevivência pessoal.

KAMALI, PARISA

Embora muito do início da vida de Parisa Kamali e da sua verdadeira identidade continue a ser matéria de especulação, sabe-se que Parisa nasceu em Teerão, no Irão, sendo a mais nova de três irmãos, e que frequentou a École Magique de Paris algum tempo depois de se ter afastado do marido, um casamento que ocorreu sob alguma pressão na sua adolescência. É uma telepata com muitos recursos e tem um conjunto variado de associações conhecidas (ver também: *Tristan Caine; Libby Rhodes*) e experiências (*tempo: cronometria mental; subconsciente: sonhos; Dalton Ellery*). Numa experiência no plano astral contra outro membro do seu séquito, Parisa saltou do telhado da casa senhorial da Sociedade para a sua morte, uma decisão que terá sido um estratagema tático ou algo mais intimamente sinistro (ver também: *beleza, maldição de Callum Nova*).

MORI, REINA

Nascida em Tóquio, no Japão, com extraordinárias capacidades naturalistas, Reina Mori é filha ilegítima de um pai desconhecido e de uma mãe mortal rica. A mãe, que nunca reivindicou Reina como sua, casou antes de morrer com um homem (referido por Reina apenas como o Homem de Negócios) que fez fortuna com a tecnologia das armas medeicas (ver também: *Corporação Wessex: patente de fusão perfeita, #31/298-396-maio de 1990*). Reina foi criada em segredo pela sua avó e frequentou o Instituto de Magia de Osaca, optando por estudar os clássicos com um enfoque na mitologia em vez de seguir um curso de naturalista. Só a Reina a terra oferece frutos pessoalmente, e só com Reina a natureza fala. É de notar, porém, que tem outros

talentos, isto na opinião de Reina (ver também: *mitologia: geracional; Antropoceno: divindade*).

NOVA, CALLUM

Callum Nova, do grupo de comunicação social Nova, sediado na África do Sul, é um manipulador bilionário cujos poderes vão além da metafísica, ou seja, para os leigos, é um empático. Nascido na Cidade do Cabo, Callum estudou muito confortavelmente na Universidade Helenista de Atenas, antes de se juntar ao negócio da família na venda de produtos de beleza e ilusões medicas. Só há uma pessoa no mundo que sabe ao certo qual é o real aspeto de Callum. Infelizmente para Callum, essa pessoa queria-o morto. Infelizmente para Tristan, não o queria com força suficiente (ver também: *traição, nenhum destino tão final como*). Atlas Blakely condenou anteriormente a falta de inspiração de Callum, criticando o amplo poder de que Callum não fez uso, mas Callum tornou-se recentemente muito inspirado (ver também: *Reina Mori*).

RHODES, ELIZABETH (também RHODES, LIBBY)

Elizabeth «Libby» Rhodes é uma física dotada. Nascida em Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, a infância de Libby foi marcada pela doença prolongada e pela morte da sua irmã mais velha, Katherine. Libby frequentou a Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque, onde conheceu o seu rival Nicolás «Nico» de Varona e o antigo namorado, Ezra Fowler. Depois de ser recrutada pela Sociedade, Libby conduziu várias experiências notáveis (ver também: *tempo: quarta dimensão; teoria quântica: tempo; Tristan Caine*) e dilemas morais (*Parisa Kamali; Tristan Caine*) antes de desaparecer, tendo o resto do grupo começado por pensar que tinha falecido (*Ezra Fowler*). Depois de descobrir que tinha sido sepultada no ano de 1989, Libby escolheu aproveitar a energia de uma arma nuclear para criar um portal temporal (ver também: *Corporação Wessex: patente de fusão perfeita, #31/298-396-maio de 1990*), regressando assim ao grupo da Sociedade de Alexandria com um aviso profético.

PARA MAIS LEITURAS

SOCIEDADE DE ALEXANDRIA, A

Arquivos – conhecimento perdido

Biblioteca (ver também: *Alexandria*; *Babilônia*; *Cartago*; *bibliotecas ancestrais*: *Islâmica*; *bibliotecas ancestrais*: *Asiática*)

Rituais – iniciação (ver também: *magia*: *sacrifício*; *magia*: *morte*)

BLAKELY, ATLAS

Sociedade de Alexandria, a (ver também: *Sociedade de Alexandria*: *iniciados*; *Sociedade de Alexandria*: *Curadores*)

Infância – Londres, Inglaterra

Telepatia

DRAKE, GIDEON

Aptidões – desconhecidas (ver também: *mente humana*: *subconsciente*)

Criatura – subespécie (ver também: *taxonomia*: *criatura*; *espécie*: *desconhecida*)

Ligações criminosas (ver também: *Eilif*)

Infância – Cabo Bretão, Nova Escócia, Canadá

Educação – Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque

Especialidade – Viajante (ver também: *domínio dos sonhos*: *navegação*)

EILIF

Alianças – desconhecidas

Crianças (ver também: *Gideon Drake*)

Criatura – *finfolk* (Ver também: *taxonomia*: *criatura*; *finfolk*: *sereia*)

ELLERY, DALTON

Sociedade de Alexandria, a (ver também: *Sociedade de Alexandria: iniciados; Sociedade de Alexandria: investigadores*)

Animação

Ligações conhecidas (Ver também: *Parisa Kamali*)

FOWLER, EZRA

Aptidões (ver também: *viagem: quarta dimensão; física: quântica*)

Sociedade de Alexandria, a (ver também: *Sociedade de Alexandria: não iniciados; Sociedade de Alexandria: eliminação*)

Infância – Los Angeles, Califórnia

Educação – Universidade de Artes Mágicas de Nova Iorque

Alianças conhecidas (ver também: *Atlas Blakely*)

Emprego anterior (ver também: *NYUMA: assessores residentes*)

Relações pessoais (ver também: *Libby Rhodes*)

Especialidade – Viajante (ver também: *tempo*)

HASSAN, SEF

Alianças conhecidas (ver também: *Fórum, o; Ezra Fowler*)

Especialidade – Naturalista (mineral)

JIMÉNEZ, BELEN (também ARAÑA, DR. J. BELEN)

Infância – Manila, Filipinas

Educação – Universidade Regional de Artes Medeicas de Los Angeles

Alianças conhecidas (ver também: *Fórum, o; Nothazai; Ezra Fowler*)

Relações pessoais (ver também: *Libby Rhodes*)

LI

Identidade (ver também: *identidade: desconhecida*)

Alianças conhecidas (ver também: *Fórum, o; Ezra Fowler*)

NOTHAZAI

Alianças conhecidas (ver também: *Fórum, o*)

PÉREZ, JULIAN RIVERA

Alianças conhecidas (ver também: *Fórum, o; Ezra Fowler*)

Especialidade – Tecnomante

PRÍNCIPE, O

Animação – geral

Identidade (ver também: *identidade: desconhecida*)

Relações conhecidas (ver também: *Ezra Fowler, Eilif*)

WESSEX, EDEN

Relações pessoais (ver também: *Tristan Caine*)

Alianças conhecidas (ver também: *Corporação Wessex*)

WESSEX, JAMES

Alianças conhecidas (ver também: *Fórum, o; Ezra Fowler*)

· INÍCIO ·

Atlas Blakely nasceu enquanto a Terra morria. E isto é um facto. Tal como isto: a primeira coisa que Atlas Blakely compreendeu verdadeiramente foi a dor.

E isto: Atlas Blakely é um homem que criou armas. Um homem que guardava segredos.

E isto também: Atlas Blakely é um homem disposto a pôr em risco a vida de todos os que estão a seu cargo e a trair todos os que são suficientemente tolos ou desesperados para terem a infelicidade de confiar nele.

Atlas Blakely é um compêndio de cicatrizes e defeitos, um mentiroso de profissão e de nascença. É um homem com as características de um vilão.

Mas, acima de tudo, Atlas Blakely é apenas um homem.

A história dele começou onde começou a tua. De forma um pouco diferente – longe de um ricoço presunçoso vestido de *tweed*, longe de um fato insuportavelmente bem engomado – embora tenha começado com um convite. Afinal de contas, esta é a Sociedade de Alexandria e toda a gente tem de ser convidada. Até Atlas.

Até tu.

O convite endereçado a Atlas Blakely desenvolveu uma fina película pegajosa de uma qualquer substância casual largada na sua proximidade, tendo o convite em si sido abandonado sem cerimónias ao lado do caixote do lixo, no apartamento decrepito da sua mãe. O monumento aos abusos de uma quinta-feira normal (ou seja, o caixote do lixo e o lixo lá dentro) permanecia pouco auspiciosamente em cima de um metro quadrado de

painéis de linóleo chamuscado e por baixo de uma pilha impressionante de Nietzsche, de Beauvoir e de Descartes. Como de costume, o lixo acumulara-se perigosamente para lá dos limites do caixote, jornais velhos e embalagens de comida e cabeças de nabo bolorentas e descartadas comungando com pilhas intocadas de revistas literárias, poesia inacabada e um frasco de porcelana com guardanapos de papel dobrados meticulosamente em forma de cisnes, de modo que, ao lado de tudo isto, um elegante quadrado pegajoso de cartolina cor de marfim era quase totalmente impercetível.

Quase, por certo. Mas não exatamente.

Atlas Blakely, na altura com 23 anos, resgatou o cartão do chão entre turnos angustiantes no bar local, um emprego pelo qual teve de se humilhar, apesar de possuir uma licenciatura, duas licenciaturas, o potencial para uma terceira. Olhou para o seu nome escrito numa caligrafia elaborada e pensou que provavelmente tinha ido parar ali preso a alguma garrafa. A mãe ainda dormiria por várias horas, por isso meteu-o no bolso e levantou-se, olhando para a imagem do pai, ou qualquer que fosse a palavra para o homem cujo retrato ainda estava na estante, a ganhar pó. Sobre isso ou qualquer outra coisa, ele não tencionava fazer perguntas.

Inicialmente, a forma como Atlas se sentiu ao receber a convocatória de Alexandria poderia ser claramente descrita como repulsa. Medeicos ou académicos não lhe eram estranhos, sendo ele próprio um deles e descendente de outro, e já sabia que devia desconfiar de ambos. Tencionava deitar o cartão fora, só que o visco do *gin* e o que provavelmente seria o *chutney* de tamarindo que a mãe encomendara por telefone na mercearia asiática das redondezas («Cheira ao Pai», dizia a mãe quando estava lúcida), depressa o colaram ao forro do bolso de Atlas.

O seu Curador de Alexandria, William Astor Huntington, era o que Atlas chamaria um amante excessivo de quebra-cabeças, em severo detrimento de coisas como a sanidade e o tempo. Fora mais tarde, nessa noite, enquanto brincava distraidamente com o cartão que trazia no bolso – e depois de ter expulsado um homem pelo delito habitual de ter mais uísque no cérebro do que juízo – que Atlas determinou que o feitiço no seu conteúdo era uma cifra, algo para o qual também não teria tido tempo nem sanidade se não tivesse sido brutalmente ferido pelo amor (ou o que quer que fosse que lhe tivesse afetado principalmente o pénis), cerca de vinte e quatro horas antes. Na opinião posterior de Atlas Blakely, a metodologia recoletora de Huntington era uma farsa narcisista. Quando se tratava da

Sociedade, a maioria das pessoas precisava apenas de cinco minutos para ficar convencida.

Mas essa foi a opinião de Atlas mais tarde. Na altura, Atlas estava desgostoso e tinha qualificações a mais. No esquema geral das coisas, ele estava aborrecido. Com o passar do tempo, viria a entender que a maioria das pessoas andava entediada, especialmente aquelas que estavam a ser consideradas para um lugar na Sociedade. Era uma pequena e gentil crueldade da vida que a maioria das pessoas com um verdadeiro sentido de objetivo não tivesse o talento para o alcançar. As pessoas com talento têm muito mais probabilidade de não terem um rumo definido. É uma ironia estranha, mas inevitável. (De acordo com a experiência de Atlas Blakely, o melhor método para arruinar a vida de alguém é dar-lhe exatamente o que quer e depois sair educadamente do seu caminho.)

A cifra levou-o à casa de banho de uma capela do século XVI, que o levou ao telhado de um arranha-céus recentemente concluído, que o levou a um campo de ovelhas. Por fim, chegou aos aposentos municipais da Sociedade de Alexandria, a uma versão mais antiga da sala onde posteriormente se encontraria com seis dos seus próprios recrutas – depois de uma renovação que Atlas só mais tarde saberia ter sido financiada por alguém que nem sequer pertencia à Sociedade, nunca tinha sido iniciado, provavelmente nunca tinha matado ninguém, o que era muito agradável para o doador em questão. Presumivelmente, eles dormiam muito bem à noite. Mas essa não é obviamente a questão.

Então, *qual* é a questão? A questão é que um homem, um génio chamado Dr. Blakely, teve um caso com uma das suas alunas do primeiro ano, no final dos anos 1970, que resultou numa criança. A questão é que não existem recursos adequados para a saúde mental. A questão é que a esquizofrenia é latente até deixar de o ser, até amadurecer e florescer, até olharmos para o bebé que nos arruinou a vida e compreendermos que morreríamos de bom grado por ele e, também, que provavelmente morreremos por ele, quer a decisão seja deixada nas nossas mãos ou não. A questão é que ninguém lhe chamará abuso porque, segundo todos os relatos, fora consensual. A questão é que não há nada a fazer, exceto pensar se as coisas poderiam ter sido diferentes se ela não tivesse vestido aquela saia ou olhado para o professor daquela maneira. A questão é que está em causa a carreira de um homem, o seu sustento, a sua família! A questão é que Atlas Blakely terá 3 anos quando ouvir pela primeira vez as vozes na cabeça da sua própria mãe – a dualidade do seu ser, a forma

como o seu génio se separa algures, encaixando-se em algo mais obscuro do que qualquer um deles compreende. A questão é que o preservativo se rompeu, ou talvez não houvesse preservativo.

A questão é que não há vilões nesta história, ou talvez não haja heróis.

A questão é: alguém oferece poder a Atlas Blakely e Atlas Blakely diz, inequivocamente, que sim.

Ele descobre mais tarde que outro membro do seu grupo de recrutamento, Ezra Fowler, encontrou a sua própria cifra presa na sola do sapato. Não fazia a mínima ideia de como lá tinha ido parar. Quase a deitara fora, não quis saber, mas não tinha outros planos, por isso, aqui estamos.

Ivy Breton, licenciada pela NYUMA que fez um ano em Madrid, encontra a sua dentro de uma casa de bonecas antiga, empoleirada na réplica de uma cadeira *Queen Anne* que a sua tia-avó, uma amadora, envernizou à mão.

Folade Ilori, nigeriana de nascimento, educada na Universitá Medeia, encontra a sua na asa de um colibri, nas vinhas da propriedade do seu tio.

Alexis Lai, de Hong Kong, educada na Universidade Nacional de Magia de Singapura, encontra a sua bem arrumada nos ossos escavados do que a sua equipa acreditava ser um esqueleto neolítico, em Portugal. (Não era, mas isso era outra obscuridade, para outra altura.)

Neel Mishra, o outro britânico, que, na verdade, é indiano, encontra a sua cifra no seu telescópio – *literalmente* escrita nas estrelas.

E depois há Atlas com os caixotes do lixo, e Ezra com o seu sapato. Estavam destinados a fixarem os olhares, a reconhecerem a imensidão desta revelação e a acompanharem-na com alguma erva.

Depois de Alexis morrer e Atlas pensar numa versão mais sombria de «bem, foda-se, é melhor continuar com isto», ele descobre exatamente como é que cada um deles foi selecionado. (Isto acontece depois de Atlas descobrir a existência de Dalton Ellery, mas antes de o seu Curador, Huntington, tomar a decisão «espontânea» de se reformar.) Aparentemente, a Sociedade consegue rastrear a produção mágica de qualquer pessoa no mundo. E é só isso. Essa é a principal preocupação deles e é... dececionante. Quase frustrantemente simples. Procuram quem quer que esteja a fazer carradas de magia e determinam se essa magia tem um preço que alguém já pagou e, se não tiver, dizem ei!, isso parece interessante. É um pouco mais refinado do que isso, mas é essa a essência.

(Esta não é a versão longa da história, porque não estás interessado na versão longa. Já sabes o que Atlas é, ou tens alguma ideia do que se passa com ele. Sabes que esta história não acaba bem. O destino já está traçado – o que, para ser justo, significa que Atlas também o consegue ver. Ele não é um idiota. Ele está praticamente lixado, seja como for.)

A questão é que Ezra Fowler é mesmo, mesmo mágico. Assim como qualquer um que entre por aquela porta, mas pelos padrões de pura produção, Ezra está no topo da lista.

– Posso abrir buracos de minhoca – explica Ezra, numa noite de indecência e conversa fiada. (Demora muito mais tempo a discutir o acontecimento que despertou a sua especialidade mágica particular, ou seja, o assassinio da sua mãe no que mais tarde viria a ser chamado crime de ódio, como se tratar um vírus como uma coligação de sintomas separados e não relacionados pudesse possivelmente derivar numa cura.) – Pequenos, mas mesmo assim...

– Quão pequenos? – pergunta Atlas.

– Do meu tamanho.

– Oh, pensei que havia uma espécie de encolhimento – suspira Atlas.

– Tu sabes. Uma merda tipo *Alice no País das Maravilhas* ou algo assim.

– Não – diz Ezra –, são de tamanho normal. Quer dizer, como se buracos de minhoca fossem normais.

– Como é que sabes que são buracos de minhoca?

– Não sei o que mais poderiam ser.

– Fixe, fixe.

As drogas tornavam esta conversa mais fácil. Por outro lado, as drogas tornavam todas as conversas de Atlas mais fáceis. Na verdade, é impossível explicar isto a alguém, mas ouvir os pensamentos das pessoas torna as relações aproximadamente um milhão de vezes mais difíceis. Atlas é uma pessoa que pensa demais. Era uma criança cuidadosa, cuidadosa em esconder as suas origens, as suas nódoas negras, o seu apartamento, a sua má alimentação, a sua perícia em falsificar a assinatura da mãe, cuidadosa, tão cuidadosa, calma e discreta, mas... será que é *demasiado* calmo?, devemos preocupar-nos?, devemos falar com os pais? não, não, é um prazer tê-lo na aula, é tão prestável, talvez seja apenas tímido, será *demasiado* encantador?, será natural ser assim *tão encantador* aos 5 anos, aos 6, aos 7, 8, 9?, é tão bem-comportado para a sua idade, tão maduro, tão mundano, nunca se porta mal, será que nos perguntamos...?, será que devemos ver se...? Ah, falámos cedo

de mais, lá vamos nós, um traço de rebeldia mesmo na hora certa, uma falha, graças a Deus.

Graças a Deus. Afinal, é uma criança normal.

– O quê? – diz Atlas, apercebendo-se de que Ezra ainda está a falar.

– Nunca disse isso a ninguém. Sobre as portas. – Ele está a olhar para a estante da sala pintada, para a disposição que o Atlas do Futuro não reorganiza.

– Portas? – repete Atlas sem sentido.

– Eu chamo-lhes portas – diz Ezra.

Em geral, Atlas conhece as portas. Sabe que não deve abri-las. Algumas portas estão fechadas por alguma razão.

– Para onde levam as tuas portas?

– Passado. Futuro. – Ezra brinca com uma lasca de pele seca na cutícula.

– Para onde quer que seja.

– Consegues levar alguém contigo? – diz Atlas, pensando: *Eu só quero ver. Só quero ver o que acontece.* (Será que ele vai ter o que merece? Será que ela vai ficar boa?) *Eu só quero saber.* Mas ele sabe que o quer demasiado para o perguntar em voz alta, porque o cérebro de Ezra lança um sinal de alerta que só Atlas conhece. – Só estou curioso – esclarece através de um anel de fumo. – Nunca ouvi falar de alguém que consegue criar a porra dos seus próprios buracos de minhoca.

Silêncio.

– Tu consegues ler mentes – comenta Ezra após um momento, o que é tanto uma observação como um aviso.

Atlas não se dá ao trabalho de confirmar isso, já que não é tecnicamente verdade. A leitura é muito elementar e, regra geral, as mentes são ilegíveis. Ele faz outra coisa com as mentes, algo mais complexo do que as pessoas compreendem, mais invasivo do que as pessoas conseguem compreender. Por uma questão de autopreservação, Atlas omite os pormenores. Ainda assim, há uma razão para que, se ele quiser que alguém goste dele, geralmente gostem, porque conhecer Atlas Blakely é um pouco como depurar o seu próprio código pessoal. Ou pode ser, se o deixarmos.

(Um dia, anos mais tarde, depois de Neel ter morrido várias vezes, e Folade apenas duas, quando estão a decidir se devem ou não deixar Ivy na sua sepultura – se, talvez, isso possa deixar os arquivos temporariamente satisfeitos... Alexis dirá a Atlas que gosta de leitura da mente. Ela não só não se importa, como acha que é o ideal. Podem passar dias sem falar um

com o outro, o que é perfeito. Ela não gosta de falar. Nas suas palavras, as crianças que veem pessoas mortas não gostam de falar. É assim, garante-lhe ela. Atlas pergunta se eles têm um grupo de apoio, sabes, para as crianças que veem pessoas mortas e que agora são adultos muito, muito calados, e ela ri-se e atira-lhe algumas bolhas da banheira. Para de falar, diz ela, e estende-lhe a mão. Ele diz que sim e entra.)

– Como é que é? – pergunta Ezra.

Atlas sopra outro anel de fumo perfeito e sorri o sorriso estúpido de quem está verdadeiramente satisfeito. Noutro lugar, pela primeira vez na sua vida, a sua mãe está a fazer algo de que ele não faz ideia. Ele não verificou. Não tenciona fazê-lo. Mas fá-lo-á inevitavelmente, porque é assim que as coisas são. A maré regressa sempre.

– O quê, ler a mente?

– Saber o que dizer – corrige-o Ezra.

– Fodido – responde Atlas.

Intuitivamente, ambos compreendem. Ler a mente de uma pessoa que não se pode mudar é tão impotente como viajar no tempo para um final que não se pode reescrever.

A moral da história é esta: cuidado com o homem que te enfrenta desarmado. Mas a moral da história é também esta: cuidado com os momentos de vulnerabilidade partilhados entre dois homens adultos, cujas mães estão perdidas e desapareceram. O que quer que tenha sido forjado entre Ezra e Atlas, é a base para tudo o que se segue. É a paisagem para todas as catástrofes que florescem. Chamemos-lhe uma história de origem, uma sobreposição. Uma segunda oportunidade para algo como a vida, que é, naturalmente, o princípio do fim, porque a existência é, em grande parte, fútil.

O que não quer dizer que os outros membros da Sociedade sejam desagradáveis. Folade, Ade quando se sente atrevida, é a mais velha e não quer saber de nenhum deles, o que, honestamente, é justo. Considera-se uma poetisa, é profundamente supersticiosa e é a única que também é religiosa, o que não é tão estranho quanto impressionante, porque lhe permite ter momentos de paz que os outros não têm. É uma física, uma atomista – a melhor que Atlas já viu, até conhecer Nico de Varona e Libby Rhodes. Ivy é uma rapariga rica e alegre que, por acaso, é uma especialista de

biomancia viral capaz de decretar a extinção em massa em cerca de cinco ou seis dias. (Mais tarde, Atlas vai pensar, *oh. Era ela quem devíamos ter matado*. O que ele faz, de certa forma. Mas não da maneira que devia ter feito, ou de uma forma capaz de uma mudança significativa.)

Neel é o mais novo, alegre, desbocado e com 21 anos. Andava na escola de Londres com Atlas, embora nunca se falassem, porque Neel estava ocupado com as estrelas e Atlas estava ocupado a limpar o vômito da mãe ou a dismantelar secretamente os pensamentos dela. (Há também muito lixo físico na vida da mãe, e não apenas os resíduos da sua psique. No início, Atlas tenta reorganizar as coisas na cabeça dela, reatribuindo-lhe ansiedades em relação ao desconhecido, porque uma mente bem organizada parece ser moderadamente mais útil para uma casa higienizada, ou talvez ele tenha percebido isso ao contrário. Uma dessas tentativas consegue limpar a gaveta dos produtos da podridão de pesadelos não identificáveis durante uma semana, mas depois só piora a situação, torna a paranoia mais aguda – como se ela conseguisse perceber de alguma forma que houve um ladrão, que alguém esteve lá dentro. Durante meio segundo, as coisas ficam tão más que Atlas pensa que o fim está próximo. Mas não está. E fica contente com isso. Mas também, está absolutamente lixado.) Neel é um divinista e está sempre a dizer coisas como «hoje não toques nos morangos, Blakely, estão estragados». É irritante, mas Atlas sabe – consegue ver claramente – que Neel fala a sério, que nunca teve um pensamento impuro na sua vida, exceto talvez um ou dois sobre Ivy. Que é muito bonita. Mesmo que seja um prenúncio de morte ambulante.

E depois há Alexis. Tem 28 anos e está farta de viver.

– Ela assusta-me – admite Ezra enquanto comia empadão de carne, à meia-noite.

– Sim – concorda Atlas e fala a sério.

(Mais tarde, Alexis vai segurar a mão dele antes de ir embora e dizer que a culpa não é dele, apesar de ser, o que Atlas vai saber porque na cabeça dela, ela está a pensar «seu completo idiota, seu estúpido». Não há qualquer peso nisso, porque Alexis não é pessoa para ficar a pensar nas coisas durante muito tempo, e, em voz alta, ela diz: «Não estragues tudo, Blakely, está bem? Fizeste a tua cama, tudo bem, é o que é, por amor de Deus, não estragues tudo.» Mas ele fá-lo-á, claro. Claro que sim.)

– É só a cena da necromancia? Os ossos? – Ezra está a olhar para o espaço.

– Os ossos são assustadores? Diz-me a verdade.

– As almas são mais assustadoras do que os ossos – confia Atlas.
– Fantasmas. – Estremece.

– Os fantasmas têm pensamentos? – pergunta Ezra, com as palavras um pouco arrastadas pelo esforço.

– Sim – confirma Atlas.

Não são assim tão comuns, os fantasmas. A maioria das coisas morre e mantém-se morta.

(Por exemplo, Alexis.)

– Em que é que eles pensam? – Ezra pressiona-o.

– Normalmente, numa coisa. Constantemente. – Transtorno obsessivo-compulsivo, esse é um dos primeiros diagnósticos que Atlas recebe quando tenta ver se alguém o pode curar. *É quase certo que está errado*, pensa ele. Ele compreende que está algures no espectro, toda a gente está – é esse o objetivo de um espectro –, mas compulsão? Não parece correto. – Normalmente, os que ficam neste mundo estão nele por algo específico.

– Sim? – diz Ezra. – Como o quê?

Atlas mastiga o canto do polegar. A mãe dele tem dezassete frascos do mesmo creme para as mãos e, de repente, ele deseja, deseja desesperadamente, que ele tivesse apenas um. Durante meio segundo, pensa que devia ir para casa.

Passa. Ele expira.

– O que é que interessa o que os mortos querem? – pergunta Atlas.

Ele não é estúpido. Se morresse, sabe que continuaria morto.

A Sociedade não costuma escolher o seu Curador a partir de dentro. Ainda não sabes porque ainda não chegou a este ponto, mas, na verdade, a Sociedade não é gerida pelos seus próprios iniciados. Os seus membros iniciados são demasiado valiosos, estão ocupados e, de qualquer modo, imagina a crueldade de ter matado alguém, viver com isso, enquanto tens um emprego de escritório e atendes telefones. Não, a Sociedade é operada quase inteiramente por pessoas completamente normais que se submetem a entrevistas de emprego completamente normais e têm currículos completamente normais. Não têm acesso a quase nada de importante, por isso não interessa o que sabem.

William Astor Huntington era um professor de clássicas na NYUMA, antes de ser escolhido para Curador. Quando o conselho da Sociedade, que

é composto por iniciados, abordou a escolha pouco convencional e ligeiramente preocupante do sucessor de Huntington, cada um deles ouviu um zumbido fraco e insistente nos seus ouvidos. Era suficientemente perturbador – e o sorriso de Atlas Blakely era tão deslumbrante, o seu registo tão cristalino – que eles votaram unanimemente para terminar a reunião mais cedo e ir para casa.

Tudo isto para dizer que o facto de Atlas estar aqui, neste gabinete, nesta posição, não foi tarefa fácil. Não que se tenha de o admirar por isso, mas se se quisesse, podia-se. Curador é uma posição política e ele fez política bem, fez política lindamente, tendo tido toda a sua vida para praticar. Poderias argumentar que Atlas Blakely nunca deixou sair uma palavra honesta dos seus lábios? Sim. Ninguém te impediria, muito menos ele.

De qualquer forma, do seu grupo, Atlas é o primeiro a perceber os requisitos de iniciação da Sociedade. O investigador deles é um iniciado da Sociedade que não consegue parar de pensar nisso. Uma arma antiga, à queima-roupa, o puxar do gatilho que dispara antes de ele estar pronto, oh foda-se oh foda-se as mãos a tremer, puxar outra vez, desta vez é mau mas não letal, foda-se foda-se idiota, *alguém me ajude...*

No final, tinham sido precisos quatro para o fazer. Atlas, que testemunhava as memórias em segunda mão, pensa: *Que merda. Obrigado, mas não obrigado.*

– Mas os livros – argumenta Ezra. Atlas já estava a arrumar as suas coisas quando Ezra entrou no seu quarto, incomodando-o ou talvez apenas lembrando-o. A pele das mãos de Atlas estava seca e ele não tinha ouvido nada do dono do bar no andar de baixo, que era suposto telefonar-lhe se alguma coisa corresse mal, mas talvez a vigilância não permitisse chamadas de vizinhos...? A casa queria que ele matasse alguém, por isso, honestamente, quem poderia dizer se os telefones funcionavam ou não?

– Os malditos livros – suspirou Ezra profundamente.

Ainda não falámos de quanto Atlas ama livros. Como os livros lhe salvaram a vida. Não *nesta* altura da vida dele, porque já estava bem avançado no caminho da ruína. Mas antes. Os livros salvaram-no.

(O que ele não tinha percebido era que uma *pessoa* o tinha salvado, porque as *pessoas*, as *pessoas* escreviam os livros, os livros em si eram apenas as amarras, as linhas de vida que o arrastavam de volta. Mas, na altura, trabalhava num bar merdoso e achava que odiava as pessoas. O que era verdade. O que acontece a toda a gente de vez em quando. De qualquer modo, este foi um erro breve, mas crítico.)

Numa altura, estava ele prestes a atingir a maioridade e a aprender como a sua vida ia ser difícil – em termos clínicos, seriam os períodos de inutilidade e vazio, a entediante raiva com a sua falta de concentração difusa e indiscriminada, os picos de atividade antissocial, todo o isolamento e autossabotagem –, Atlas teve a sorte, pelo menos, de estar preso num palácio de acumulação intelectual, rodeado por pilhas e pilhas de livros que outrora tinham moldado a mente em ruínas da sua mãe. Ele só a tinha conhecido verdadeiramente ali, nas linhas e passagens que ela tinha sublinhado ou marcado. Os livros eram a sua única forma de a conhecer como uma pessoa de um desejo amargo e prodigioso, uma mulher que esperava ser comida viva pelo amor, que queria desesperadamente, mais do que tudo, ser vista. Os livros onde ela ainda guardava uma carta, uma nota que provava que nunca fora apenas imaginação dela – o lugar labiríntico em que a sua mente se tornaria –, a desculpa conveniente para um homem, um dia, decidir que o seu caso amoroso não passara de uma ilusão solitária dela própria. Os livros com que ela se tinha confortado, antes e depois de a sua vida ter sido separada em duas pelo nascimento de um filho indesejado.

– Não te devias ter dado ao trabalho – murmurou Atlas, uma vez, à mãe, pensando em como era uma armadilha, na verdade. A coisa toda. O arranque de um temporizador invisível para um final que não se vê. Não se sabe como acaba, por isso... *faz-se e tenta-se* e inevitavelmente falha-se, invariavelmente sofre-se, e para quê? Era melhor ela ter ficado ali, na escola, onde talvez o seu génio pudesse ter tido um lugar para crescer, um recipiente para encher, algo em que se tornar. Melhor isso do que isto, ele a limpar-lhe a baba da bochecha, os olhos dela apáticos e sombrios quando encontram os dele.

– Quando um ecossistema morre, a natureza cria um novo – disse ela, o que pode não significar nada. Talvez mesmo nada.

A princípio, Atlas não a ouviu. Respondeu «o quê?», e então ela repetiu: «Quando um ecossistema morre, a natureza cria um novo», e ele pensou *que merda é esta que te está a passar pela cabeça*; mas mais tarde recordou-se, naquele momento crítico, o momento em que ele não consegue decidir de quem foi a ideia. De Ezra, talvez, ou talvez tenha sido Atlas a pô-la lá. Talvez tenham sido os dois.

Quando um ecossistema morre, a natureza cria um novo. Não percebes? O mundo não acaba. Só nós é que acabamos.

Mas talvez... talvez pudéssemos ser maiores do que isso. Se calhar era isso que ela queria dizer. Talvez estejamos destinados a ser maiores do que isso.

(Lentamente, Atlas tem a certeza. Sim, deve ser isso que ela queria dizer.)

Não importa onde começou. Não importa onde termina. Fazemos parte do ciclo, quer queiramos, quer não, por isso não sejamos o deserto.

Sejamos os gafanhotos. Sejamos a praga.

– Vamos ser deuses – diz Atlas em voz alta, e é importante lembrar que está drogado, que sente falta da mãe, que se odeia. É importante recordar que, neste preciso momento, Atlas Blakely é um pequeno grão de ser assustado, triste e solitário, uma sarda no rabo da última desgraça iminente da humanidade. Atlas Blakely não quer saber se chega ao dia de amanhã, ou ao dia de amanhã, ou ao dia de amanhã. Não se importa se for atingido por um raio, se morrer esta noite. Atlas Blakely é um jovem de 20 e poucos anos (25, na altura), neurótico e desesperado por querer dizer alguma coisa, sob a influência de pelo menos três substâncias que alteram a mente, e na presença, talvez, do seu primeiro amigo verdadeiro e, no início, quando o diz, não está a pensar nas consequências. Ele ainda não *compreende* as consequências! É uma criança, funcionalmente um idiota, viu a mais ínfima parte da experiência humana e ainda não se apercebeu de que é pó, de que é um grão de areia, de que é um verme. Ele não vai perceber isso até Alexis Lai bater à sua porta e dizer «olá, desculpa incomodar-te, mas Neel está morto, ele morreu e dentro do seu telescópio estava uma nota que dizia que tu o mataste».

É então que, mais tarde, Atlas Blakely percebe que fez asneira. São precisas pelo menos mais duas mortes de Neel para o dizer em voz alta, mas ele sabe-o naquele momento, mesmo que não diga a ninguém o que está a pensar, que é: *Eu não devia ter pedido poder quando o que realmente queria era significado.*

Mas agora tem os dois, portanto. Podes ver como estamos num impasse.

– Ou seja? – pergunta Libby Rhodes, cujas mãos ainda estão a arder. As suas bochechas estão manchadas de canais pálidos, o sal mistura-se com a sujidade nas têmporas. O cabelo está coberto de cinzas, e Ezra Fowler está desamparado aos seus pés. O último suspiro de Ezra foi há não mais de dez, quinze minutos, as suas últimas palavras alguns segundos antes disso, e esta

parte também ficará por dizer: que apesar de Atlas estar zangado, apesar de não saber o que esperava sentir com a perda de um homem que outrora amou e que atualmente odeia, ele ainda sente. Sente imenso.

Mas ele fez uma escolha há muito tempo, porque algures por aí há um universo onde ele não tinha de a fazer. Em algum lugar, há pelo menos um mundo onde Atlas Blakely cometeu um assassinio que salvou outras quatro vidas, e agora o único caminho a seguir é encontrá-lo. Ou criá-lo.

De qualquer forma, só há uma maneira de esta história terminar.

– Ou seja – responde Atlas, levantando os olhos do chão –, que mais está disposta a quebrar, menina Rhodes, e quem vai trair para o fazer?